

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JONHN LENO MARIANO DE LIMA

**O PROBLEMA FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO
BRASIL: APRESENTANDO O PROBLEMA CONCEITUAL**

Maceió, AL

2020

JONHN LENO MARIANO DE LIMA

**O PROBLEMA FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO
BRASIL: APRESENTANDO O PROBLEMA CONCEITUAL**

Trabalho apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Federal de Alagoas – UFAL como
requisito para a obtenção do título de licenciado em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira

Maceió, AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732p	<p>Lima, John Leno Mariano de. O problema fundamental na história da filosofia no Brasil : apresentando o problema conceitual / John Leno Mariano de Lima. – 2020. 38 f.</p> <p>Orientador: Francisco Pereira. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2021.</p> <p>Bibliografia: f. 37-38.</p> <p>1. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 2. Conceito (Filosofia). 3. História - Filosofia - Brasil. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 17(091)(81)</p>
-------	--

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais, Edmilson Godoi Mariano e Lucilene M^a de Lima, pelos esforços e dedicação pela minha vida. Também agradeço o auxílio de Alberto Vivar Flores e Maria Edna. As minhas irmãs Graciele Maria de Lima, Maria das Graças Mariano de Lima, Ana Paula Mariano de Lima e meu irmão Wellington Godoi Mariano. Agradeço também aos professores: Alexandre Fonseca e Juliele Sievers pela ajuda na minha formação. Agradeço aos meus amigos e colegas, em especial, João Victor, Valdilene Ribeiro, Jorge Oliveira, Nikeli Lima, Liziane Lima e Walisson Cândido.

E, principalmente, agradeço a minha dedicação e esforço para continuar lutando.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL	
2.1 Contexto-histórico	7-8
2.2 História da filosofia no Brasil	11-17
3 ASPECTO CONCEITUAL	
3.1 O conceito de filosofia deleuziano-guattariano	18-27
4 O PROBLEMA FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL:	
4.1 Apresentando o problema conceitual	28-31
4.2 Demonstração do problema conceitual: O impacto do conceito deleuziano-guattariano de filosofia na História da filosofia no Brasil	31-34
CONCLUSÃO	35-36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37-38

RESUMO:

Nosso trabalho consiste em uma apresentação do problema fundamental na História da Filosofia no Brasil como problema conceitual, pois partimos da concepção do conceito de Filosofia como instrumento para validação ou não do pensamento filosófico no Brasil. Os objetivos foram: i. utilizamos o conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano para avaliar o problema fundamental da História da Filosofia no Brasil; ii. tornamos mais claro o conceito de “Filosofia” em uma perspectiva deleuziano-guattariano; iii. apresentamos o problema fundamental na História da Filosofia no Brasil como problema conceitual; e iv. analisamos o problema conceitual da História da Filosofia no Brasil com auxílio da demonstração conceitual deleuziano-guattariano na História da Filosofia no Brasil. Para tanto, respondemos a pergunta: *qual é o impacto do conceito deleuziano-guattariano de “Filosofia” no problema fundamental da História da Filosofia no Brasil?*, visto que demonstraremos como o problema conceitual é o problema fundamental na História da Filosofia no Brasil, assim apresentando-o como um dos problemas principais da História da Filosofia no Brasil.

Palavras-chave: Problema. Gilles Deleuze. Conceito. História da Filosofia no Brasil.

ABSTRACT:

Our work consists of a presentation of the fundamental problem in the History of Philosophy in Brazil as a conceptual problem, as we start from the conception of the concept of Philosophy as an instrument for the validation or not of philosophical thought in Brazil. The objectives were: i. we used the Deleuzian-Guattarian concept of “Philosophy” to assess the fundamental problem of the History of Philosophy in Brazil; ii. we make the concept of “Philosophy” clearer in a Deleuzian-Guattarian perspective; iii. We present the fundamental problem in the History of Philosophy in Brazil as a conceptual problem; and iv. We analyze the conceptual problem of the History of Philosophy in Brazil with the help of the Deleuzian-Guattarian conceptual demonstration in the History of Philosophy in Brazil. Therefore, we answer the question: *what is the impact of the Deleuzian-Guattarian concept of “Philosophy” on the fundamental problem of the History of Philosophy in Brazil?*, since we will demonstrate how the conceptual problem is the fundamental problem in the History of Philosophy in Brazil, thus presenting it as one of the main problems in the History of Philosophy in Brazil.

Key-words: Problem. Gilles Deleuze. Concept. History of Philosophy in Brazil.

1 INTRODUÇÃO

O problema fundamental da História da Filosofia no Brasil é, em outros termos, dizer que o problema, quando relacionado à História da Filosofia no Brasil, refere-se a um caminho alternativo de verificação que é encontrado frente à uma lacuna, isto é, o caminho alternativo como solução à lacuna existente. No entanto, ao tratarmos do verbete fundamental queremos dizer, especificamente, que é a parte principal, ou seja, é a égide rudimentar do problema, e ao remetemos a História da Filosofia no Brasil, entendemos que se trata do percurso histórico do pensamento filosófico no Brasil. E, em nosso estudo, o problema fundamental percorrido na História da Filosofia no Brasil é, em outras palavras, a lacuna rudimentar do percurso histórico das idéias filosóficas no Brasil.

Em outros termos, dizemos: o problema base da História da Filosofia no Brasil, mas não o único problema encontrado, pois é possível encontrar outros problemas na História da Filosofia no Brasil. Assim, propomos responder a seguinte **pergunta-problema**: *qual é o impacto do conceito deleuziano-guattariano de “Filosofia” no problema fundamental da História da Filosofia no Brasil?*, pois visamos apresentar e demonstrar o problema conceitual da História da Filosofia no Brasil.

Nosso estudo visa a alcançar os seguintes **objetivos**: i. utilizar o conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano para avaliar o problema fundamental da História da Filosofia no Brasil; ii. tornar mais claro o conceito de “Filosofia” em uma perspectiva deleuziano-guattariano; iii. apresentar o problema fundamental na História da Filosofia no Brasil como problema conceitual; e iv. analisar o problema conceitual da História da Filosofia no Brasil com a demonstração do impacto do conceito deleuziano-guattariano na História da Filosofia no Brasil. Para tanto, o **método** consiste em uma análise argumentativa da revisão bibliográfica.

Para trabalharmos o problema da História da Filosofia no Brasil, apresentaremos o contexto histórico da própria História da Filosofia no Brasil, mas não a História do Brasil e apresentaremos algumas das correntes da História da Filosofia no Brasil. Em seguida, o aspecto conceitual com o conceito de filosofia deleuziano-guattariano. Por fim, apresentaremos o problema conceitual como o problema fundamental aplicado à História da Filosofia no Brasil.

2 HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL

2.1 Contexto-histórico

O contexto histórico da filosofia no Brasil é ligada tradicionalmente à chegada dos portugueses ao Novo Mundo, mas existe uma realidade antes da chegada portuguesa e isso influenciará a reconstrução do próprio caráter do Ser brasileiro, isto é, a busca por uma identidade brasileira. Assim, antes de traçarmos uma exposição histórica dos principais pontos interligados à história da filosofia no Brasil, devemos introduzir uma apresentação sobre os povos aborígenes, ameríndios ou indígena.

Segundo Miranda (1964), os povos aborígenes possuíam diversas línguas, mas muitas tribos perderam sua língua e adotaram a guarani, assim a infiltração da linguística guarani causou a perda das suas línguas originais. Os tupi-guaranis possuem língua própria; economia: sistemas de cultivos numerosos; habitação: em malocas, ou seja, habitações coletivas. Nas malocas não havia divisões, pois cada família se instalava segundo suas necessidades; vestuário: de modo geral, os indígenas andavam nus ou seminus e o uso de penas grudadas ao corpo ou ornamentos de pernas dos tupinambás; técnica: produziam cerâmicas especialmente pelas mãos femininas. As cerâmicas poderiam ser com ornamentos ou sem ornamentos e cerâmica pintada; tecidos: tecidos: os tupinambás a ignoravam, os guaraiús e os caingás produziam; madeira: usavam para habitação e instrumentos agrícolas, de guerra e de tecelagem; organização social: cada “nação” indígena se organizava com tribos aliadas. A tribo é uma aldeia e as aldeias são uma ou mais tabas que correspondem a uma unidade de 50 ou 100 famílias. A vida familiar era influenciada pela esposa mais antiga da tribo, em algumas tribos, possuía autoridade sobre as outras mães e os filhos que tivessem religião: as práticas rituais mais difundidas eram a antropofagia ritual e a saudação lacrimosa. Em algumas tribos restavam, porém, vestígios de um regime totêmico muito antigo, por exemplo, a ideia da divindade em Tupã e abaixo dele os deuses maiores, o Sol (Coaraci), a Lua (Jaci) e o Amor (Rudá) e menores, por exemplo, Iapuru, Caapora, Uiara, Mbiotatá, Curupirá, Saci-cererê e Mboia; arte: manifestada em seu próprio corpo, com pinturas e tatuagens. Também nas ornamentações das cerâmicas. Os tupi-guaranis também usavam muitos instrumentos musicais para manifestar suas crenças religiosas. (MIRANDA, 1964)

No entanto, a história do pensamento filosófico no Brasil é dividida em três momentos, pois não são considerados os pensamentos ameríndios como o momento filosófico propriamente dito, são eles: A formação colonial do Brasil, isto é, a América portuguesa; o Brasil Império; e o Brasil República. Por agora, iremos apresentar alguns dos momentos históricos que contextualizam o pensamento filosófico brasileiro:

A. América portuguesa (1500-1822):

Podemos destacar três momentos: a conquista e a colonização; os jesuítas e sua expulsão; e a chegada da Família Real Portuguesa: o primeiro momento é, segundo Calmon (1965a, p. 13): “Em março de 1549 saiu de Lisboa, em uma frota que conduzia quatrocentos homens d’armas e 600 degredados, e ainda seis jesuítas empenhados em iniciar na América a catequese dos indígenas. Essa expedição destinava-se a iniciar a colonização oficial [...]”. Assim, em 1549 tem início a catequese dos indígenas, ou seja, as primeiras aulas do pensamento ocidental no Novo Mundo. O autor prossegue:

“O Brasil é nossa empresa”, escrevera o padre Manuel da Nobrega: e de fato, foi a larga empresa evangélica da Companhia de Jesus nestas origens difíceis. É importante observar a coincidência formação da fundação da ordem dos jesuítas (introduzida em Portugal em 1540) com a colonização da América portuguesa por conta do Estado (1549). Formados para as “missões” entre os gentios, os novos milicianos da Igreja tinham nas colônias de D. João III [...] (CALMON, 1965a, 23)

Ora, segundo o autor, os jesuítas atuaram ativamente na catequese dos povos originários e utilizavam os seus domínios do idioma tupi-guarani para transformar os indígenas em "gentios"(CALMON, 1965a). E segundo Bueno:

Os jesuítas se empenharam em submeter os indígenas aos rigores do trabalho metódico, aos horários rígidos, ao latim e à monogamia. Combateram o canibalismo, a poligamia e o nomadismo - e, assim, acabaram sendo responsáveis pela desestruturação cultural que empurrou para a extinção inúmeras tribos. (BUENO, 2012, p. 50)

E, segundo Calmon (1965a), os jesuítas combateram também o costume de se falar a língua tupi impondo a língua portuguesa, isto é, a língua portuguesa para combater a língua

dos povos originários. Ainda segundo o autor, o domínio dos jesuítas seria interrompido pela sua expulsão pelo Marquês de Pombal em 1759, que resultou na fundação das “aulas régias”, com aulas de língua latina, gramática e retórica. (CALMON, 1964)

Outro ponto importante, é a chegada da família Real Portuguesa, segundo Calmon (1965a), motivada pela invasão do exército de Napoleão. E ainda, segundo o autor, a sua chegada produziu uma grande alteração na sociedade colonial: “D. João trouxe o modelo. Trouxe o exemplo, a educação, os métodos, a dignidade pública de um país que não é mais campo de exploração de autoridade alienígenas, a sua elevação ao nível de sede da coroa portuguesa.” (CALMON, 1964, p. 230).

A mudança é importante, como apontado por Paim (2020):

A mudança da Corte Portuguesa para o Brasil criou condições inteiramente novas para a cultura nacional. [...] tais como Imprensa Régia, a Biblioteca, as escolas superiores destinadas à formação de cirurgiões e engenheiros militares, etc. [...] Do ponto de vista da consciência filosófica, o fenômeno mais característico é a adesão quase universal do professorado, tanto nas aulas régias como nas instituições religiosas, à espécie de empirismo que a posteridade denominaria de *mitigado*. (PAIM, 2020, p. 315)

B. Brasil Império (1822-1889):

O período é marcado por profundas mudanças, entre elas, podemos destacar que a influência da Corte Portuguesa na América portuguesa impulsionou a independência do Brasil. Podemos destacar que o Brasil Império tem períodos importantes, entre eles, segundo Calmon (1964, p.3): “D. Pedro I foi coroado Imperador do Brasil em 1º de dezembro de 1822, e iniciou o seu reinado - breve e inquieto - antes de terminada a Guerra da Independência”, as regências e o governo de D. Pedro II:

Essa faculdade - de reinar e governar - permitiu a D. Pedro II impor a sua orientação aos políticos em várias oportunidades, sobretudo na Conciliação (1853), na Guerra do Paraguai (1857-70), na marcha para a abolição da escravatura (1870-85) e na lei da eleição direta (1880). O segundo reinado pode ser dividido nas seguintes fases, nitidamente distintas: 1840-47 - Domínio arbitrário da Coroa; 1847-53 - Parlamentarismo caótico; 1853-57 - Conciliação; 1857-68 - Predomínio da Liga e dos liberais; 1868-78 - Situação conservadora; 1878- 85 - Situação liberal; 1885-88 - Reação conservadora; 1889 - 89 - Tentativa de reorganização do Império pelo partido liberal, que deu à Monarquia o último governo, o do Visconde de Ouro Preto. (CALMON, 1964, p. 33-34)

A situação da filosofia no Brasil Império entre o século XIX, é apresentada por Calmon como influenciada pela filosofia do pensador português Silvestre Pinheiro Ferreira, com as preleções no Seminário de São Joaquim; as fórmulas ecléticas de Mont'Alverne e Eduardo Ferreira França; a propensão liberal dos alunos (Frei Caneca a Frei Pedro de Santa Mariana, mestre de D. Pedro II) do Seminário de Olinda; o idealismo de Gonçalves de Magalhães e a fundação da Sociedade Para o Culto e a Propagação Positivista. (CALMON, 1981).

C. Brasil República (1889-1970):

Para nosso estudo, é interessante comentar rapidamente três momentos específicos: o início do país republicano, a institucionalização da Filosofia nos períodos de 1930-1960 e algumas obras que debruçaram sobre a História da Filosofia no Brasil. Pois bem, o primeiro momento é, segundo Cruz Costa (1967), caracterizado pelo choque das ideias positivistas e do pensamento republicano, principalmente, do Rui Barbosa, com profundas ideias republicanas norte-americanas. Por isso, não é de admirar a Constituição Brasileira de 1981: “Duas palavras sejam ditas sobre essa Constituição. Aproxima-se, pelo recorte doutrinário e pela forma do Estado, da Constituição norte-americana, seu grande paradigma. Estados Unidos do Brasil - seriam autônomos” (CALMON, 1964, p. 103)

Porém, a República Velha não continuou por muito tempo, pois teremos uma República Nova, como nos diz Bueno:

Ao contrário da proclamação da República, o golpe de 1930 não foi uma mera passeata militar. Houve luta e resistência - e os combates se prolongaram por quase um mês. Ainda assim, em termos gerais, a derrubada da chamada República Velha - embora tenha sido o mais complexo e sangrento golpe a instaurar um novo governo no Brasil [...] (BUENO, 2012, p. 343)

Da República Velha à República Nova (até os dias atuais), o pensamento brasileiro continua sob influência do pensamento estrangeiro. Por agora, realizaremos, mais uma vez, um corte histórico e passamos a traçar um plano sobre a institucionalização da Filosofia no Brasil. Para Domingues (2017) a época de 1930 a 1960 é uma época bastante peculiar, pois a

mentalidade brasileira é de “progresso”, modernismo e desenvolvimento, a saber, a ideia de modernismo é encontrada desde 1922 com a Semana de Arte Moderna e a ideia de desenvolvimento é encontrada com a política de desenvolvimento em razão da consciência nacional de negar o passado colonial e modernizar o país. Ainda segundo o autor:

Formuladas e modeladas na esteira da Revolução de 1930, a política de desenvolvimento e a agenda desenvolvimentista serão vistas como tarefa não dos indivíduos e das empresas privadas, que podem pouco nessas coisas, mas do Estado e seus aparatos. A consequência é o duplo esforço dos governos dos anos 1930-1960 [...] de implantar verdadeiras agências de desenvolvimento, tais como a Sudene, a Petrobras, a CSN e a Vale do Rio Doce, às quais pode-se acrescentar o BNDES, fundado em 1952. Na outra vertente, visando a formação da “suprereestrutura”, o esforço de criar as universidades e difundir as letras bem com as ciências, completadas pela fundação nos anos 1950 da Capes, do CNPq e do próprio Iseb, ao qual verá associada a filosofia em uma de suas vertentes, a vertente nacionalista [...] (DOMINGUES, 2017, p. 361-362)

A Filosofia no Brasil, segundo Domingues (2017), é institucionalizada, entre o século XX e XXI, com os cursos de Graduação e Pós-Graduação. Assim, entendemos que o pensamento filosófico deixa de ser autodidata e passa a ser exercido nos cursos de Graduação e Pós-Graduação no país.

Entre os século XIX até o XXI, foram escritas muitas obras sobre o pensamento filosófico brasileiro, entre elas, destacam-se: *A filosofia no Brasil* de Sylvio Romero, *História das ideias no Brasil* de Cruz Costa, *Panorama da filosofia no Brasil* de Luiz Washington Vita, *História das ideias filosóficas no Brasil* de Antonio Paim, *Crítica da razão tupiniquim* de Roberto Gomes, *Um departamento francês ultramar* de Paulo Eduardo Arantes, *Filosofia no Brasil* de Ivan Domingues e a *História da Filosofia do Brasil* de Paulo Margutti. Para nossa apresentação da História da Filosofia no Brasil utilizaremos, principalmente, a obra de Luis Washington Vita e Antonio Paim.

2.2 História da Filosofia no Brasil

A. Escolástica: A escolástica é compreendida como o processo filosófico executado pelos jesuítas (inacianos) na catequização dos povos originários ou povos indígenas. Na concepção de Luis W. Vita (1969), devemos partir das origens lusitanas para entender o processo filosófico na América portuguesa, pois nas escolas jesuítas era predominando o ensino tomista dos textos aristotélicos. Assim, a filosofia ensinada

pelos jesuítas seguiria a mesma lógica, nas palavras do autor: “Os inacianos preferiam Aristóteles a Platão, porque a doutrina do estagirita, na sua opinião, atendia melhor às exigências de uma concepção católica do mundo e do homem. Não entretanto, apenas o Aristóteles da tradição escolástica, mas [...] do humanismo.” (VITA, 1969, p. 18). É importante ressaltar que a escolástica tem como forte característica “ O apelo ao dogma e a autoridade, a tradição escolástica e literária e a repugnância pelas atividades técnicas e artísticas” (Ibidem, p. 25). Para Antonio Paim (2020, p. 278), “Os textos filosóficos correspondiam a manuais destinados aos cursos superiores de teologia ou as teses com que seus autores se candidatavam àquele magistério”. Assim, entendemos que o pensamento filosófico colonial jesuítico é dotado de um pensamento aristotélico-tomista, ao menos, até a expulsão dos jesuítas e adesão ao pensamento iluminista.

B. Iluminismo (Empirismo mitigado): A expulsão dos jesuítas é compreendida como a tentativa de modernização do pensamento português e seu reflexo nas colônias portuguesas. Segundo Luis W. Vita (1969, p. 32) “Um dos traços mais significativos do Iluminismo português é a sua expressão de modernidade consciente [...] Por isso a máxima figura máxima do século pombalino foi a do pedagogo Luís Antônio Verney”. E prossegue, “[...] o encargo de “iluminar” uma nação inteira, e ambos, Pombal e Verney, toparam pela frente o mesmo obstáculo: os jesuítas. Aliás, o amplo repúdio de Verney aos inacianos se dirigia mais contra seus métodos pedagógicos [...]” (Ibidem, p. 33). Ainda segundo o autor, os principais nomes do iluminismo no Brasil são: Matias Aires da Silva e Eça (1707-1763) que realizou uma espécie de união entre os séculos xvii e xviii, com o providencialismo ao empirismo e adepto e cultor do esclarecimento da Ciência de seu tempo. Matias Aires rejeitou o verbalismo e preconizou o experimento e a dúvida metódica; Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800) é fruto da autorização concedida aos franciscanos pelo ministro de D. José para a criação do curso de Filosofia. Frei Gaspar da Madre de Deus não foi original em seu pensamento, mas deixou um tratado de Filosofia; e, por fim, Francisco Luís dos Santos Leal (1740-1820) que produziu um livro sobre *História das Filosofias Antigas e Modernas*. Outro ponto a considerar, é que o iluminismo na América portuguesa também recebe o nome de Empirismo mitigado, segundo Paim (2020), “O desinteresse no aprofundamento dos problemas suscitados pelo empirismo

permite-nos apreender o sentido que Joaquim de Carvalho atribuía à denominação de *mitigado*”(PAIM, 2020, p. 300)

C. Romantismo: Segundo Vita (1969, p. 48) “O movimento de cultura, e por isso também filosófico, que nasce como uma reação ao Iluminismo - é o Romantismo. No Brasil foi a primeira afirmativa de nossos valores mais caros, atuando como centros [...] duas Faculdades de Direito [...] SP e a do Recife.” Assim, encontramos no Romantismo o movimento filosófico importante para apresentarmos. Ainda segundo Vita, a Faculdade de Direito de SP, por meio dos grupos dos estudantes que moravam nas “repúblicas”(pensões de estudantes) e expandiram para os grêmios e, ao longo do tempo, formaram associações com o seu periódico, o que acontecia também em Recife; as associações realizaram funções que atribuímos hoje ao jornalismo, às sociedades profissionais, à Universidade: que é formular os problemas do País. Para o autor (Ibidem), devemos considerar alguns pontos: a. o Romantismo pode ser compreendido de dois modos: etapa histórica (uma forma de vida humana) e a forma literária (uma “escola”, um “estilo”); b. o Brasil, os estudantes de Direito de São Paulo se reúnem em uma associação, chamada “Ensaio Filosófico”, para discutir sobre o espírito; c. a influência do Krause no Brasil Império é demonstrativo do sucesso do filósofo romântico na Península Ibérica; d. no Brasil, João Teodoro é quem apresenta Krause; e. no final do séc XIX é mais importante a figura de Diogo Antônio Feijó (1784-1843) na filosofia que avançou até Kant.

D. Ecletismo: Para Luis W. Vita (1969, p. 61), “A corrente que dominará o pensamento brasileiro dos meados do século XIX é o Ecletismo, representado por Mont’Alverne, Gonçalves de Magalhães, Ferreira França, Moraes e Vale e Antônio Pedro de Figueiredo, inspirados [...] por Victor Cousin”. Um ponto importante que podemos destacar é, segundo Paim (2020), seu caráter representativo, pois é o primeiro movimento filosófico plenamente estruturado em nosso país e não se trata de uma simples cópia do sistema cousiniano, porém de uma livre interpretação dos elementos do movimento filosófico com o objetivo de adaptar à tradição e unir doutrinas a nossa particularidade cultural da época pelo poder conciliador do ecletismo, por exemplo, valorizar a experimentação, mas não tinha meios de fazer tais experimentos e defender princípios liberais em uma sociedade que produzia com mãos de obra escrava, de todo

modo, o ecletismo serviu a elite brasileira para solucionar os problemas políticos. Dentre os representantes do ecletismo, destacamos o papel de Antônio Pedro de Figueiredo, visto que, segundo Romero (1969), os autores Mont'Alverne, Gonçalves de Magalhães, Ferreira França cometeram "equivocos" argumentativos ou "erros" na demonstração de seu pensamento. Desse modo, comentaremos apenas o pensamento de Antônio Figueiredo que, segundo Vita (1969), é a mais significativa figura do ecletismo no Brasil, pois traduziu a obra de Victor Cousin e demonstrou um pensamento objetivo ao estudar os nossos problemas. Ainda, segundo Vita (1969), Antonio Figueiredo acreditava que a conquista do prazer humana era derivado de três condições: 1ª o objeto desejado; 2ª que esteja ao alcance; 3ª empregado para obter o prazer, com tais condições realizou uma análise política-econômica da formação da sociedade e criou concepções acerca da solidariedade (comunidade de interesse), a individualidade (indivíduo social) e da premissa da atividade individual com finalidade no prazer, por meio disso, Figueiredo entende política como ciência que pesquisa as leis de organização das sociedades e visa as condições da felicidade dos povos. Aliás, para Cruz Costa (1967), o ecletismo é uma filosofia que fez sucesso no Brasil devido ser conciliadora tanto no campo filosófico como no campo político.

- E. Positivismo:** Para Luis Vita (1969) o positivismo possui alguns pontos importantes: causou grandes mudanças no século xx, na Europa, e depois no Brasil e os pontos importantes do positivismo são: i. reformular e buscar a verdade nos fatos positivos; ii. experiência como único critério da verdade; iii. acordo entre Filosofia e Ciência; iv. oposição à Metafísica; v. concepção mecanicista da natureza; vi. unidade do real; vii. valores espirituais explicados pela evolução biológica e as leis da Psicologia. O autor prossegue, destacando a importância do positivismo no Brasil, demonstrado até na bandeira nacional e apresentando a divisão do Positivismo no Brasil em dois grupos: Positivismo ortodoxo, seguidores da Religião da Humanidade, e Positivismo heterodoxos, maior movimento filosófico. Ainda segundo o autor, no movimento heterodoxos, temos como nomes importante: Luís Pereira Barreto (1840-1923), Pedro Lessa (1859-1921), Alberto Sales (1857-1904) e Vicente Licínio Cardoso (1889-1931) e no movimento ortodoxo, temos: Miguel Lemos (1854-1916) e Teixeira Mendes (1855-1927), nas palavras do autor (Vita, 1969, p. 77), "a obra de Pereira Barreto é o documento filosófico mais importante do Positivismo brasileiro, por seu sentido

científico e pela originalidade de aplicar *a lei dos três estados* à realidade brasileira [...]”. Ora, Pereira Barreto estava aplicando a realidade do Brasil, assim temos uma demonstração do pensamento filosófico atuando para pensar a realidade brasileira e não apenas copiar e transplantar uma ideia estrangeira. É importante ressaltar que, segundo Vita (1969), o positivismo heterodoxo tinha um interesse filosófico, mas o ortodoxo não, pois tratava-se de um fenômeno religioso, com a fundação da Sociedade Positivista com Miguel Lemos, Teixeira Mendes de Benjamin Constant. Para Paim (2020), a ascensão do positivismo é dada durante a República Velha (1890-1930) que se debruçou em dois grandes segmentos: o positivismo e a Escola de Recife.

- a. **Monismo e Evolucionismo:** Para Luis Vita (1969), o Evolucionismo é a tendência filosófica ligada ao positivismo mais importante e o monismo vinculado ao evolucionismo. E a sua soma, segundo Vita, é a doutrina adotada pela *Escola de Recife*: Tobias Barreto (1838-1889), Sílvio Romero (1851-1914) e Clóvis Bevilacqua (1859-1944), influenciados por Spencer e Haeckel. (VITA, 1969)

F. Espiritualismo: Segundo Luis W. Vita (1969), o positivismo recebeu fortes críticas do movimento espiritualista na Europa nos fins do séc XIX, principalmente, com o filósofo Bergson e suas críticas ao “cientificismo” em nome da própria ciência. Para o autor, Farias Brito (1862-1917) é um antipositivista declarado e seguidor de Bergson. O autor prossegue, realizando comentários sobre Farias Brito: a. Farias Brito foi duramente criticado por vários autores, como indecifrável e impenetrável; b. o pensamento britista é pampsiquista em seus fundamentos; c. crítico da coisa em si de Kant, pois sua coisa em si é a própria inteligência criadora; d. a Filosofia britista é uma superação da ciência; e. Farias Brito aproxima a Religião à Filosofia; e. crítica Farias Brito como mais História da Filosofia do que Filosofia. Por outro lado, podemos identificar o que, nos diz Farias Brito (2012, p. 17), “a filosofia é a fonte comum onde encontram sua justificação os princípios fundamentais de todas as outras ciências, que nestas condições dependem dela.”. Assim, entendemos que o pensamento de Farias Brito é um pensamento que compreende a Ligação entre Filosofia e as outras Ciências, mas atribui à Filosofia a condição de “Mãe de Todas as Ciências”, isto é, a fonte dos princípios das ciências. Ainda segundo Vita (1969), Farias Brito não deixou nenhum seguidor, mas influenciou a obra de Jackson de Figueiredo (1891-1928).

G. Correntes contemporâneas:

- a. **Cientificismo e Analiticismo:** Segundo Vita (1969), o primeiro nome é Pontes de Miranda (1894) e sua obra **O Problema Fundamental do Conhecimento** (1937) que defende uma tese bastante original no campo da Gnosiologia, pois procura eliminar a divergência entre idealistas e realistas na discussão do objeto x sujeito, pois quando nossa mente extrai o “sub” do sujeito e o “obj” do objeto, ficando apenas o “jeto” que é o elemento comum entre ambos, a extração assegura a objetividade e a realidade do conhecimento e não é apenas uma mera questão de palavras. Outro autor importante, segundo Vita (1969), é Euríalo Canabrava que é um relevante defensor do cientificismo. Ainda, conforme o autor, destacamos a importância dos logísticos, em especial, Newton C. A da Costa que denominou teoria lógica da linguagem o estudo conjunto da semiótica e metasemiótica, em contraposição à teoria da linguagem. (VITA, 1969)
- b. **Culturalismo e Historicismo:** Para Luis Vita (1969), o culturalismo tem como principal figura o Miguel Reale que rejeitou tanto a tese de subordinação como a doutrina oposta de Kant, desenvolvendo um conceito próprio de *ontognosiologia*, no dizer do autor (ibidem, p. 117), “das condições transcendentais do conhecimento do ponto de vista do sujeito (gnosiologia) como do ponto de vista do objeto (ontologia, no sentido que Nicolai Hartmann dá a este vocábulo)”. Assim, Miguel Reale cria o seu próprio conceito para entender o conhecimento. Ainda segundo Vita (1969), a ontognosiologia e o historicismo se entrelaçam e se tornam o historicismo ontognosiológico. O Historicismo, segundo o autor, é identificado no pensamento de Cruz Costa que postula como principal: o homem é histórico e aponta, em seu estudo sobre as ideias no Brasil, a Filosofia como história, isto é, consciência de seu passado e uma atividade da existência, dos problemas da vida, por isso, postula que é necessário filosofar *sobre* o Brasil, principalmente, transformá-lo (VITA, 1969). Outros autores importantes são, segundo Vita (1969), Caio Prado Jr é onde o marxismo é apresentado sistematizado o movimento dialético, também a teoria do conhecimento e a denominação da dialética de uma nova lógica; Leôncio Basbaum que debateu contra o PCB, pois acreditava que o PCB não aceitava pensamentos originais, mas deveria a Filosofia pensar a sua época, as suas circunstâncias; por fim, temos Álvaro Vieira Pinto (membro do ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que pensou o desenvolvimento do país em algumas etapas, são elas: a ideologia é necessária para o desenvolvimento; b. a ideologia do desenvolvimento precisa das massas; c. não tem desenvolvimento sem consciência das massas; d. a ideologia precisa sair da consciência das massas. (Ibidem)

- c. **Idealismo e Existencialismo:** A renovação hegeliana é realizada, principalmente, no Brasil, segundo Vita (1969), por Renato Cirell Czerna e sua formação rigorosa em Kant e Hegel, assim temos o pensamento neo-hegeliano ou idealismo, com a sua expressão metodológica e sua tendência monista do filósofo paulista. Por outro lado, segundo Vita (1969), temos o movimento Existencialista contra as forças do idealismo, com Vicente Ferreira da Silva e o seu historicismo de base, um radical antiintelectualismo, um hegeliano e um pessimista; outro hegeliano importante, é Geard A. Bornheim e sua obra **Motivação Básica e Atitude Originante do Filosofar** (1961) buscando estudar e revelar o comportamento originante do filosofar e realizar um estudo do próprio ato do filosofar, isto é, em uma posição anti-historicista, pois acreditava que Filosofia não é a História da Filosofia, mas o filosofar. (VITA, 1969)
- d. **Neotomismo e Espiritualismo Cristão:** Antes de mais nada, segundo Vita (1969), devemos entender que a influência escolástica no Brasil nunca deixou de ser exercida, ou seja, da colônia até a República. Assim, segundo o autor (ibidem), o Neotomismo no Brasil, tem como principal pensador o Leonel Franca (1893-1948) que produziu importantes trabalhos sobre a História da Filosofia e tinha como pensamento a verdade encontrada na Filosofia Cristã em detrimento das outras filosofias; e outro pensador importante é Henrique Cláudio de Lima Vaz que é um grande interprete da Filosofia no Brasil. O segundo movimento é, segundo Vita (ibid), o Espiritualismo cristão e seu principal representante é Ernani Maria Friori que buscou realizar várias especulações metafísicas no Brasil, com influências do tomismo, espiritualismo francês e hegelianismo para repensar os temas metafísicos com a fenomenologia e o existencialismo.

3 ASPECTO CONCEITUAL

3.1 O conceito de Filosofia deleuziano-guattariano

O mundo é compreendido por diversas formas de pensamentos, em especial, pela filosofia, pela arte e pela ciência. Cada uma, em sua dimensão, discute e apresenta o mundo em sua perspectiva. Todavia, distinguir o pensamento em uma esfera filosófica, artística e científica não é uma tarefa fácil, visto que poderíamos realizar diversas pressuposições do que seria ciência, arte e filosofia, e mesmo assim não postular uma distinção clara entre elas. Por exemplo, temos as seguintes pressuposições em relação às formas de pensamento: a ciência é um conhecimento que investiga o mundo por meio de suas funcionalidades e com base na experimentação gradual; a arte é um conhecimento abstrato do mundo em uma análise subjetiva do artista e sua apreensão; por fim, a filosofia é a reflexão do mundo e da relação do sujeito com o outro e com o mundo. Entretanto, as distinções levantadas a partir das pressuposições não possibilitam uma verificação clara e objetiva das formas de pensamento. A tarefa de distinguir as formas de conhecimento é realizada por Deleuze, em parceria de Guattari, com um trabalho árduo de conceituar a “Filosofia”, como uma forma de saber criador. Sobre o empenho realizado por Deleuze, é exposto a seguinte perspectiva de Roberto Machado, em sua obra **Deleuze, arte e a filosofia** (2009), que nos diz:

A filosofia – como a ciência, a arte, a literatura – defini-se, portanto, por seu poder criador ou, mais precisamente, pela exigência de criação de um novo pensamento. Mas isso não significaria assimilar os diferentes domínios do saber? Não, na medida em que o poder criador da filosofia reivindicado por ele é específico. Qual é, então, a diferença? Deleuze explicitou a distinção das formas de criação que caracterizam os vários saberes. (MACHADO, 2009, p. 9)

O conceito de “Filosofia” tem sua diferença frente aos outros conhecimentos, pela distinção do que é criado. Dessa forma, a tarefa de Gilles Deleuze (1925-1995), expressa-se em conceituar a “Filosofia” e distingui-las das outras formas de saberes. A explicitação do conceito de “Filosofia” é elaborada, com rigorosidade, em sua obra intitulada **O que é filosofia?** (1991) – *Qu’ets-ce que la philosophie?* – com parceria de Pierre-Félix Guattari (1930-1992). Assim, ambos desenvolveram o conceito de “Filosofia”. Em um primeiro momento, como uma criadora ou uma fábrica de conceitos. Nas palavras desses autores, “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. (DELEUZE;GUATTARI,

2016, p. 8). Entretanto, acrescenta determinado ponto:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos [...] criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. (Ibidem, idem)

Deleuze e Guattari não atribuem, unicamente, à “Filosofia” o papel criador, mas reconhecem a existência de outras formas criadoras, visto que, segundo os autores (Ibidem, idem), “falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito.” Compreendendo, assim, o papel que cada forma de pensamento executa em sua “função” como um ato de criação enquanto uma ideia criadora que precisa ser criado porque, segundo os autores (ibidem, idem) “conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem assinatura daqueles que os criam.” Nessa perspectiva, no diz Roberto Machado:

O elemento da filosofia, portanto, não é dado, não existe implicitamente, velado, sendo revelado pelo filósofo; é criado e se conserva como uma criação. O pensamento filosófico é criador porque faz nascer alguma coisa que ainda não existia, alguma coisa nova. A esse respeito Deleuze está seguindo não só Bergson, mas principalmente Nietzsche, quando este diz que o filósofo não descobre: inventa. (MACHADO, 2009, p. 15)

Os conceitos precisam ser produzidos para existirem, pois não estão esperando o filósofo para serem encontrados ou buscados, ao passo que os conceitos são criados pelo filósofo. O conceito deleuziano-guattariano de “Filosofia” não é:

[...] é contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mesmo se ela pôde acreditar ser ora uma, ora outra coisa, em razão de sua capacidade que toda disciplina tem de engendrar suas próprias ilusões, e de se esconder atrás de uma névoa que ela emite espacialmente. Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperam jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence a sua criação respectiva. E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na

comunicação[...] (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 12)

Quando reconhecemos que a “Filosofia” não contempla nem reflete, é, segundo a perspectiva deleuziano-guattariano, assegurado a sua capacidade como uma grande área do saber que cria conhecimento. Ainda sobre essa questão, nos diz Deleuze (1999):

Parto, portanto, do princípio de que faço filosofia e de que vocês fazem cinema. Isso uma vez admitido, seria fácil demais dizer que a filosofia, pronta para refletir sobre qualquer coisa, por que não refletiria sobre o cinema? É estúpido. A filosofia não é feita para refletir sobre seja lá o que for. Ao tratar a filosofia como uma potência de “refletir-sobre”, tem-se o ar de lhe dar muito, quando na verdade tudo lhe é retirado, pois ninguém precisa da filosofia para refletir. As únicas pessoas capazes de refletir sobre o cinema são os cineastas ou os críticos de cinema, ou então aqueles que amam o cinema. A ideia de que os matemáticos teriam necessidade da filosofia para refletir sobre a matemática é uma ideia cômica. Se a filosofia tivesse de servir para refletir sobre alguma coisa, raa nenhuma teria ela para existir. Se a filosofia existe, é porque tem seu próprio conteúdo. (DELEUZE, 2016a, p. 333)

Com efeito, podemos entender que a Filosofia, segundo Deleuze e Guattari (2016, p. 16), “não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões”. Para Machado (2009, p. 15) “Deleuze defende que a filosofia não é contemplação, reflexão, comunicação, é porque considera criação, e criação singular, ou melhor, criação de conceitos singulares”. Por isso, nos diz Deleuze (1992, p. 152) “De fato, o que importa é retirar do filósofo o direito à reflexão “sobre”. O filósofo é criador, ele não é reflexivo”. Que significa, conforme Machado:

Quando Deleuze diz que o filósofo é criador e não reflexivo, o que pretende é se insurgir contra a caracterização da filosofia como metadiscurso, metalinguagem, uma tendência da filosofia moderna que, desde Kant, tem por objetivo formular ou explicitar critérios de legitimidade ou de justificação. Insurgindo-se contra essa tendência, ele reivindica para a filosofia a produção de conhecimento ou, mais propriamente, a criação de pensamento, como acontece com as outras formas de saber, sejam elas científicas ou não. (MACHADO, 2009, p. 12)

Segundo a perspectiva de Machado, sobre o conceito deleuziano-guattariano de “Filosofia”, é reivindicado para a “Filosofia” a produção de conhecimento. Nesse sentido, a perspectiva da reflexão da filosofia é também a negação da capacidade de criadora da mesma, porquanto quando retiramos tal condição, estamos reconhecendo a sua capacidade criadora, isto é, admitir que o filósofo é criador e cria conhecimento.

Por agora, traçaremos em torno do filósofo que é o criador e não o reflexivo ou contemplativo, pois o filósofo cria conceitos. Criar é um ato bastante discutido, pois uma coisa é dizer que o poeta cria poesias, outra coisa é dizer que o filósofo cria conceitos, mas outra coisa é dizer que o engenheiro cria um motor. Todas essas questões nos colocam em uma única sintonia que é: o que significa criar, mas, precisamente, criar conceitos? Buscando uma resposta entre essas perguntas, recorreremos, inicialmente, a Roberto Machado:

Os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, e isso faz com que a filosofia esteja em estado de aliança com os outros domínios. Um agregado sensível, uma função pode estimular a criação de conceitos na filosofia e, inversamente, um conceito pode estimular a criação nas outras disciplinas. Criar, em todos esses domínios, é sempre ter uma ideia. Pensar é ter uma nova ideia. Por outro lado, há especificidade dos saberes, no sentido em que cada um responde a suas próprias questões ou procura resolver por conta própria e com seus próprios meios problemas semelhantes aos colocados pelos outros saberes. Por isso, uma ideia filosófica é diferente de uma ideia científica ou artística. (MACHADO, 2009, p. 14)

Nessa perspectiva, o ato de criar é, dentre as três formas de conhecimento, ter uma ideia. O ato de pensar é ter uma nova ideia, e essa nova ideia será diferente entre as ideias criadoras, como por exemplo, ter uma ideia em Filosofia é diferente de ter uma ideia em Artes, tendo em vista que Deleuze defende a criação como algo singular, ou seja, “Toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é uma singularidade.” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 13)

Poderíamos presumir, inicialmente, que a singularidade estaria correlacionada com a capacidade que a “Filosofia” teria de produzir conceitos imutáveis, ou seja, que não necessitem de uma mudança ou renovação. Entretanto a interpretação levantada seria um equívoco, frente à análise desenvolvida por Zourabichvili (2016) que interpreta, com certa segurança, o conceito de singularidade da seguinte maneira:

Que será uma singularidade? A singularidade se distingue do individual ou do autônomo no sentido de que ela não para de se dividir, de ponta a ponta,

de uma diferença de intensidade que ela resolve [...] O conceito de singularidade está fundado na noção de “contexto diferencial” ou “díspar”, que permite evitar uma redução do simples ao atômico e, por conseguinte, a confusão do singular e do individual. As singularidades correspondem a valores de conexões diferenciais [...] A singularidade, segundo Deleuze, dá a testemunho do paradoxo da diferença, o de ser uma e múltipla ao mesmo tempo, tal como um “ponto-dobra”. A singularidade é, ao mesmo tempo, *pré-individual* e *individuante*. Os indivíduos, eles mesmos, não são singulares, ainda que se constituem “na vizinhança de” certas singularidades, de sorte que eles estão originalmente em conexão com outra coisa. (ZOURABICHVILI, 2016, p. 127)

Segundo Zourabichvili, o conceito de singularidade refere-se à capacidade de criação em ser uma e múltipla simultaneamente, então, percorremos na compreensão de que os conceitos são sempre singulares, pois, segundo os autores, “filosofia é o ponto singular onde o conceito e a criação se remetem um ao outro.” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 18)

Outro ponto que devemos destacar é a relação do ato de criação conceitual com o filósofo. Assim, segundo Deleuze e Guattari (2016, p. 14), “de início os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson ...”. Apesar do batismo, os conceitos podem sofrer alguma mudança ou alteração, que em todo caso, não seriam mais os mesmos conceitos, mas novos conceitos. Ora, um conceito pode ser criado a partir de outro conceito, então, um conceito pode ser sofrer alteração ou mudança e serão formatos novos conceitos, isto é, uma recriação conceitual. Prosseguem os autores:

Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitada, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo. (Ibidem, idem)

Sobre essa perspectiva, notamos que a existência de um batismo conceitual pode sofrer alterações em sincronia com as exigências para a renovação ou recriação. Afinal é posto à tona a existência do tempo, isto é, da história que é traçada pela “Filosofia”, uma história que entra em choque com o próprio tempo, tendo em vista, que exprime em sua condição algo que é imortalizado, apesar do tempo, como algo permanente em outros conceitos, visto que são renovados e substituídos, mas conservam-se. A partir disso, estabelecemos ao conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano, a seguinte exclusividade:

A exclusividade da criação de conceitos assegura à filosofia uma função, mas não lhe dá nenhuma proeminência nenhum privilégio, pois há outras maneiras de pensar e de criar, outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos, como o pensamento científico. E retornaremos sempre à questão de saber para que serve esta atividade de criar conceitos, em sua diferença em relação as atividades científica ou artística: porque é necessário criar conceitos, e sempre novos conceitos, por qual necessidade, para qual uso? Para que fazer o quê? A resposta segundo a qual a grandeza da filosofia estaria justamente em não servir para nada é um coquetismo que não tem graça nem mesmo para os jovens. (ibidem, p. 15)

Nesse sentido, o conceito de “Filosofia” é assegurado como criação de conceitos, tanto é, que respondemos à pergunta: o que é filosofia? Ora, é a criação de conceitos novos que são batizados pelos filósofos ou recriados por outros filósofos.

A importância da “Filosofia” pode ser facilmente encontrada quando verificamos o seguinte exemplo, segundo Deleuze e Guattari (2016, p. 15) “Fala-se hoje da falência dos sistemas, quando é apenas o conceito de sistema que mudou”, isto é, os conceitos precisam ser sempre novos, pois estamos acompanhando a mudança do mundo que exige também que os conceitos sejam renovados e substituídos por conceitos novos. Exercendo, dessa forma, a atividade de criação de conceitos ou recriação de conceitos, nas palavras dos autores, “Se há lugar e tempo para a criação dos conceitos, a essa operação de criação sempre se chamará filosofia, ou não se distinguirá da filosofia, mesmo se lhe for dado um outro nome.”(Ibidem, idem)

A “Filosofia” enquanto poder criador ou ideia filosófica, refere-se a sua capacidade para criar conceitos, isto é, a “Filosofia” como criação dos conceitos e quando realizarmos tal afirmação é necessária também expormos aqui o que infere ou significa a criação de conceitos. Entretanto, como um ressalve, não atenderemos a questão do conceito do conceito em Deleuze, porquanto, buscamos apresentar, a análise da “Filosofia” como criação de conceitos.

Relembrando que os conceitos precisam ser criados e não encontrados em algum tipo de céu para conceitos. Inclusive a criação de conceitos não implica que o filósofo, simplesmente, só precisa de uma folha e uma caneta para começar a criar os seus conceitos, visto que a criação de conceitos é, segundo Dosse:

Não é no face a face solitária com sua folha em branco que o filósofo cria conceitos; ele necessita de personagens conceituais [...] Os personagens conceituais podem encarnar-se em figuras psicossociais como “o déspota”, “o nômade”, “o profeta”, “o traidor”, “o guerreiro”, “o intinerante”, para citar

aqueles que animam o percurso de Mil Platôs. A lista de personagens conceituais que podem ser convocadas pela filosofia é indefinida [...] Esses personagens têm cada um seu “momento de glória”, lugares de enraizamento, ligados a um espírito do tempo situado espacialmente. (DOSSE, 2010, p. 373)

Dessa forma, a ideia de criação de conceitos não é, simplesmente ou puramente, o “desejo” de criar algo, mas é necessário existir uma necessidade para a sua criação, conforme é mencionado por Deleuze:

É claro que os conceitos não se fabricam assim, num piscar de olhos. Não nos dizemos, um belo dia: “Ei, vou inventar um conceito!”, assim como um pintor não se diz: “Ei, vou pintar um quadro!”, ou um cineasta: “Ei, vou fazer um filme!”. É preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. Essa necessidade — que é uma coisa bastante complexa, caso ela exista — faz com que um filósofo (aqui pelo menos eu sei do que ele se ocupa) se proponha a inventar, a criar conceitos, e não a ocupar-se em refletir, mesmo sobre o cinema. (DELEUZE, 1999, p. 3)

A primeira questão que é apresentada sobre os conceitos são, segundo Deleuze e Guattari (2016, p. 23) “todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual”. E prosseguem “É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentado”(Ibidem, idem)

Assim, nessa perspectiva, nos diz Machado (2009, p. 16): “Em *O que é a filosofia?* encontramos várias características do conceito. Chamo a atenção para a mais básica: um conceito é um todo fragmentado, uma totalidade fragmentária. Isto significa que, em vez de ser algo simples, o conceito é uma multiplicidade, uma articulação de elementos” e prossegue, Machado (ibidem) “de componentes, eles mesmos conceituais, distintos, heterogêneos, mas inseparáveis, intrinsecamente relacionados, agrupados em zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade.” Em outro momento é apresentado que o conceito remete a um problema e tem uma história, Deleuze e Guattari (2016, p.24.), “todo conceito remete a um problema [...] Mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados”; continuam (ibidem, p.25) “Evidentemente todo conceito tem uma história [...] ele (o conceito) sempre tem uma história, embora a história se desdobre em zigue-zague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes.” Ainda sobre a história, os autores (ibidem, p.72) nos dizem: “O tempo filosófico é assim um

grandioso tempo de coexistência, que não exclui o antes e o depois, mas aos *superpõe* numa ordem estratigráfica. É um devir infinito da filosofia” e “A filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas.”(Ibidem, idem)

Notamos, nesse primeiro momento, que os conceitos que são produzidos, possuem componentes e não componente (primeiro/único), conseqüentemente, segundo Deleuze e Guattari (ibidem, p. 23), “todo conceito é ao menos duplo, ou triplo, etc”, isto é, os conceitos não são todos duplos ou triplos, mas cada conceito possui o seu número de componentes que foram necessários para a sua criação. Nessa perspectiva e em relação a qualificação do traçar, inventar e criar, e sua ligação com os componentes para a criação e postulação de “Filosofia”, temos que:

Essas três operações estão ligadas uma à outra e consistem em encontrar um plano pré-filosófico no plano de imanência, inventar e dar vida a personagens pró-filosóficos. Fazer a história da filosofia significa, portanto, encontrar esse gesto triplo para extrair dele o problema que o filósofo se dispõe a pensar. É nessa situação de crise que o filósofo pode ao mesmo tempo abordar mais de perto os verdadeiros problemas colocados e criar novos conceitos. (DOSSE, 2010, p. 374)

Na perspectiva de Dosse, a criação de conceitos corresponde a um plano pré-filosófico que é situado no plano de imanência, nas palavras de Deleuze e Guattari (2016, p. 52), “A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração”, em outras palavras, o plano (de imanência) é a sua terra ou sua desterritorizações, sobre os quais ela cria seus conceitos. Assim, segundo os autores (ibidem), o conceito é criado em um plano de imanência. Ressalvando, que não buscamos realizar uma exposição do conceito do conceito em Deleuze, mas apresentar, de modo geral, a compreensão do conceito, pois nossa pretensão é exclusivamente apontar o conceito de “Filosofia” em uma perspectiva deleuziano-guattariano, que é dizer: a filosofia é a criação de conceitos.

Assim sendo, inferirmos que o conceito de “Filosofia” infere a sua capacidade criadora e o conceito possui algumas “características”, são elas: necessidade, problema, história, singularidade, remeter a outro conceito e para a criação do conceito é necessário o elemento pré-filosófico que é situado em um plano de imanência e o elemento pró-filosófico; mas queremos enfatizar, ainda em relação ao conceito, é que para Deleuze e Guattari:

um conceito possui um devir que concerne, desta vez, a sua relação com conceito situados no mesmo plano. Aqui, os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas, pertencem à mesma filosofia, mesmo se têm histórias diferentes. (Ibidem, p. 26)

Segunda os autores, dizer que o conceito possuir um *devir* é dizer que conceitos situados em um mesmo plano possam acomodar se uns aos outros e não na mudança de um plano, o que significa, a permanência desses conceitos em um mesmo plano, isto é, permite que os conceitos permaneçam em uma mesma “Filosofia” apesar de possuírem histórias diferentes, nas palavras dos autores (ibidem, idem) “um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes” e dito, de outra maneira, pelos autores, “Em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes”. (Ibidem, p. 27)

Nas palavras de Machado:

O que Deleuze chama de devir do conceito é essa conexão tanto dos elementos de um conceito quanto dos diferentes conceitos em um mesmo sistema conceitual; é o fato de que os conceitos se coordenam, se conectam, se compõem, se aliam numa determinada filosofia, mesmo que tenham histórias diferentes. Assim, ele distingue devir e história de um conceito. Dizer que um conceito tem uma história significa que ele não é criado do nada; foi preparado por conceitos anteriores ou alguns componentes desse conceito vêm de conceitos de outros filósofos, embora ele permaneça original. (MACHADO, 2009, p. 16)

Assim sendo, a produção de conceitos é a capacidade que os conceitos possuem de coordenar com outros conceitos em um mesmo plano de imanência e isso implica o devir do conceito e a história do conceito é condicionada que sua criação não é do nada, mas derivada de outros conceitos, em outras palavras, a criação de conceitos consiste também na recriação de conceitos. Então, podemos dizer, que os conceitos são criados ou recriados na medida que situam-se em conceitos que já foram criados, ou seja, a atividade filosófica exige a criação de conceitos e de novos conceitos, visto que os problemas e a realidade exigem isso do filósofo, como dito por Deleuze e Guattari (ibidem, p. 11): “Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia.” Dessa maneira, quando um filósofo produz um texto, o que devemos esperar? Deleuze, nos diz:

O que um texto, principalmente quando é filosófico, espera da voz do ator? É certo que um texto filosófico pode se apresentar como um diálogo: os conceitos, então, remetem a personagens que os sustentam. Porém, mais profundamente, a filosofia é a arte de inventar os próprios conceitos, de criar novos conceitos de que temos necessidade para pensar nosso mundo e nossa vida. (DELEUZE, 2016b, p. 344)

Diante disso, esperamos que um texto filosófico contenha a criação de conceitos que estão de acordo com a necessidade para pensar o nosso mundo e nossa vida, a filosofia é pensar a criação de conceitos em torno das circunstâncias do próprio filósofo. Portanto, acreditamos que as três grandes áreas do conhecimento são igualmente criadoras e se diversificam em sua ideia criadora, visto que a ideia filosófica possui uma necessidade diferente de uma ideia em artes ou na ciência. Conferindo que o conceito de “Filosofia” em uma perspectiva deleuziano-guattariano é a criação de conceito e não refletir sobre. Assim, garantimos à “Filosofia” o seu papel em produzir conhecimento.

4 O PROBLEMA FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL: APRESENTADO O PROBLEMA CONCEITUAL

4.1 O problema fundamental na História da Filosofia no Brasil: o problema conceitual

O problema fundamental na História da Filosofia no Brasil é o problema conceitual, pois quando traçamos uma discussão frente ao pensamento filosófico brasileiro é precedente o conceito de Filosofia que estamos utilizando para atribuir a História da Filosofia no Brasil. Assim, entendemos que é fundamental estudar o conceito de Filosofia para, sem seguida, pensar a sua questão no Brasil, pois entendemos que cada historiador e filósofo que debruçou-se sobre o tema possuía uma concepção clara de Filosofia, visto que não existe um conceito único de filosofia, mas conceitos de filosofia e tais conceitos implicam um papel no próprio conhecimento, segundo Bernasconi:

Saber o que é e o que não é filosofia não é uma mera questão de classificação. O rótulo “filosofia” tem sido historicamente o nome de uma das mais nobres atividades da mente humana, de modo que reconhecer uma forma de pensamento como filosofia é conceder-lhe um *status*, é uma maneira de reconhecer a seriedade desse pensamento. Hoje, ainda que se possa sustentar que a filosofia nas universidades é levada menos a sério do que no passado, continua a ser o caso que excluir uma forma de pensamento da filosofia, ou marginalizá-la na filosofia, significa desdenhá-lo. Porém, reconhecer uma forma de pensamento ao mesmo tempo que se mantém os critérios até então utilizados para excluí-la pode ser ainda mais desdenhoso, pois ela não é mais tratada em seus próprios termos. A ideia de filosofia étnica não implica que a filosofia precisa renunciar ao universalismo de ter algo a dizer para todos. O problema surge apenas quando uma filosofia quer se dirigir a todos e, no processo, silencia ou ignora vozes alternativas. (BERNASCONI, 2013, p. 611)

Embora não seja de nosso interesse trabalhar a questão da filosofia étnica, podemos observar três condições sobre a própria questão problemática do conceito de filosofia: a. uma Filosofia pode excluir outras filosofias; b. chamar algo de filosofia é atributo de um *status*; c. utilizar critérios para validar um pensamento filosófico ou não é desdenhá-la do seu próprio sentido, pois uma filosofia estaria se dirigindo a todos e negando, por assim dizer, a autonomia das outras em pensar filosoficamente. Ora, o problema conceitual é moldado, principalmente, na pergunta: é possível analisar o impacto conceitual de determinado conceito na História da Filosofia no Brasil?

Para tanto, avaliamos as duas tentativas realizadas pelos professores Julio Cabrera e Alberto Vivar Flores. O primeiro autor, apresenta a problemática conceitual de Filosofia em

sua obra **Diário de um filósofo no Brasil**. Segundo Cabrera (2013), a definição de filosofia não deve ser vista como algo único, mas cheio de pluralidades que estão situadas entre alguns aspectos como: a. natureza múltipla da Filosofia; b. Crítica a “Filosofia profissionalizante” como imposição do que seria ou não conceito de filosofia; c. a filosofia como a vida mesma que exprime em dois pólos extremos: lógico-analítica e mergulho existencial no fluxo do vivido; d. tentativa de tirar da Filosofia a possibilidade de definição fixa, mas deixar a filosofia uma definição livre. (CABRERA, 2013)

Em resumo, temos que a compreensão de Cabrera em relação a sua concepção e não uma definição/conceito de Filosofia é, segundo o autor (ibidem, p. 27) “Prefiro deixar aos filósofos a tarefa de desenvolverem as Filosofias que melhor sentem e que sejam mais capazes de fazer, sem impor-lhes obrigações, nem missões, nem coações metodológicas ou estilísticas.”. Nesse sentido, é certo afirmar que:

“Curiosamente, o Brasil “engancha” com o pensamento latino-americano não por meio de seus “filósofos profissionais”, mas pelos seus sociólogos (Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, FHC), economistas (Theotônio dos Santos, Celso Furtado), pedagogos (Paulo Freire, antropólogos (Darcy Ribeiro, Roberto Da Matta, Viveiros de Castro), historiadores (Sergio Buarque de Holanda), geógrafos (Milton Santos) etc. Talvez seja chegado o momento de deixar de lado estas distinções acadêmicas, que atrapalham mais do que esclarecem, e considerar a todos estes como filósofos (e talvez esta seja, nestes tempos, a única maneira em que ainda é possível sê-lo) (Ibidem, p. 13)

Desse modo, o pensamento filosófico deveria ser ampliado para pessoas que refletem e são críticas desde o pensamento latino-americano. Outrossim, segundo o autor (ibidem), a compreensão de Filosofia plural, o próprio ato de Filosofia é um modo de ser humano, assim é estabelecido a garantia de que existem filósofos brasileiros sem a necessidade de ser apenas uma atividade profissional. Em relação a influência do sociocultural, para o autor:

O filósofo acabará tendo, pelo lado externo, uma significação cosciocultural nos termos de seu âmbito de atuação, mas ele mesmo não precisa levá-los em conta e muito menos considerá-los a motivação crucial de seu filosofar. Um filósofo simplesmente filosofa, e do resto os outros se ocuparão.(Ibidem, p. 37)

Além disso, o autor (ibidem), exprime que a ampliação dos filósofos deve considerar também os literatos-filósofos (autores geralmente críticos com um grande teor

“crítico-reflexivo” como Clarice Lispector) e o cinema também como filosófico, pois, nessa perspectiva, devemos considerar a capacidade reflexiva em ambos as áreas.

O argumento é aceitável se a concepção de Filosofia, em seu sentido plural e não em torno de uma definição (ou, em nosso caso, de acordo com o conceito). Em seguida, o autor Cabrera (2013, p. 87), nos diz: “ser um pequeno filósofo é ou não mais importante do que se transformar num brilhante comentador ou num grande especialista de alguém.” Sendo assim, segundo Cabrera, o modelo de Filosofia na pesquisa filosófica no país não é o ideal para a criatividade e produção de uma filosofia sem as amarras metodológicas, mas reconhece a existência de filósofos desde o período pré-profissional até os atuais e enfatiza que o problema é só a baixa visualização dos autores em nosso país.

Por outro lado, temos o historiador, teólogo e filósofo Alberto Vivar Flores, que trabalha o problema conceitual com uma recepção criativa do conceito de Filosofia deleuziano-guattariano e o conceito de Filosofia de Hegel, em seu artigo intitulado: *Gilles Deleuze: “O que é a filosofia?”. Uma recepção criativa desde a América Latina*. O conceito deleuziano-guattariano é utilizado como instrumento de verificação de uma filosofia ou não na América Latina e toma também o conceito de Hegel, pois acredita que Filosofia é pensar a sua realidade. Assim, a Filosofia deve criar conceitos e pensar a sua realidade. Em suas palavras, temos:

Desse modo, relacionando ambos os filósofos –na forma de uma recepção criativa– tanto desde a denúncia levantada por Hegel (1770-1831) pelo que se refere à História da Filosofia na América Latina como pelo desafio que representa, para esse mesmo modo de filosofar, a definição da Filosofia desenvolvida por Deleuze e Guattari (1991). (FLORES, 2018, p. 184)

Para tanto, o professor Flores parte da concepção de Juan Bautista que acredita na necessidade de uma filosofia latino-americana e realiza grandes percursos sobre a História da América Latina para pensar a necessidade de um pensamento com características próprias. O autor identifica em Sylvio Romero e José Carlos Mariátegui as denúncias de um pensamento que prefere o pensamento estrangeiro e não é original. Assim, o autor argumenta que tal denúncia não é apenas histórica, mas prossegue até nossos dias, por isso temos, segundo Flores (2018, p. 195): “Mas, se, deixando de lado a lição de Gilles Deleuze, queremos continuar com o costume de respeitar passivamente a tradição e de seguir aceitando acriticamente os conceitos que nos são dados pela História da Filosofia eurocêntrica [...]” Em outras palavras, a Filosofia na América Latina não produz conceitos, mas aceita

passivamente os conceitos europeus, então, não produz conceitos, conforme Deleuze e Guattari.

Dessa forma, podemos identificar que o problema conceitual é amplo, pois podemos negar ou afirmar filósofos na História da Filosofia no Brasil dependente do conceito de filosofia e como aplicarmos, isto é, seguiremos uma interpretação da análise conceitual ou levaremos o conceito até às últimas consequências.

Assim sendo, entendemos que o problema conceitual na História da Filosofia no Brasil é um problema fundamental, visto que é a partir da análise conceitual de filosofia que é possível defender ou negar a existência da própria filosofia no país. Por agora, vamos demonstrar o problema em utilizar um conceito fechado para validar ou não determinado conhecimento como filosófico, pois é aceitação de uma Filosofia em detrimento de outra filosofia, isto é, a exclusão de uma alternativa.

4.2 Demonstrando o problema conceitual: O impacto do conceito deleuziano-guattariano na História da Filosofia no Brasil

Analisando o problema conceitual da História da Filosofia no Brasil a partir do conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano, caminhamos em torno da pergunta-problema e interpretado da seguinte maneira: Se “Filosofia” é a criação de conceitos, qual é o impacto na História da Filosofia no Brasil quando admitirmos tal conceito, isto é, qual é impacto do conceito deleuziano-guttariano de “Filosofia” no problema fundamental na História da Filosofia no Brasil?

A. América Portuguesa: Na América portuguesa com a predominância da corrente Escolástica e o Empirismo mitigado, segundo Vita (1969) e Antonio Paim (2020), ambas correntes têm como condição básica a ideia de transplante de ideias sem levar em consideração a realidade que os circuncidava. A Escolástica, tratando-se de textos filosóficos que correspondiam a manuais que eram destinados aos cursos superiores de Teologia ou a teses e levando em consideração a dimensão Aristotélica-Tomista como promoção da obediência ao texto, conseqüentemente, ao não questionamento dos autores estrangeiros instituído ao pensamento brasileiro. Assim, verificamos que a existência de um sistema de produção filosófico jesuíta significou a reprodução de conceitos e não na produção de conceitos porque os conceitos aristotélicos eram utilizados em um ambiente que não buscava a análise da necessidade dos conceitos ou

em sua produção, mas apenas em uma reprodução do texto. Afinal, os manuais deveriam ser seguidos à risca. Nesse sentido, a “Filosofia” não é utilizada com intuito de corroborar a produção de conceitos, ao passo que possuímos, em plena América portuguesa, a imposição de conceitos que foram: incorporados, transplantados, usados, “copiados” e “colados” diretamente de Portugal. A ausência de sua produção, poderia ser pensada a partir de uma das características básicas do conceito: o problema e a necessidade. Os conceitos aristotélicos que foram usados na América portuguesa poderiam ter sido renovados de acordo com a necessidade e em sintonia com os novos problemas que, naturalmente, surgiriam com o avanço do choque cultural, por meio do impacto da unificação de três culturas distintas que formariam o futuro Brasil, isto é, os conceitos enfrentam problemas que deveriam ser recriados e postos novos conceitos. Após a expulsão dos jesuítas e em plena era pombalina é caracterizado pelo Iluminismo ou Empirismo mitigado. O período pombalino não efetivou a criação dos conceitos, mas permeou a substituição de uma corrente (Escolástica) por outra (Empirismo mitigado), mas sem pretensão de produzir conceitos, mas de substituir um conhecimento transplantado de Portugal por outro conhecimento transplantado de Portugal.

- B. Brasil Império:** Segundo Vita (1969) o Romantismo é a reação contra o Iluminismo, desenvolvido pelos grupos dos estudantes de direito das Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, os estudantes possuíam preocupação com os problemas nacionais, mas, principalmente, com João Teodoro e sua exposição de Krause. Porém não construíram conceitos. Segundo Paim (2020) a corrente filosófica do Ecletismo é predominante no Brasil após a sua independência, possuindo o seu caráter mais representativo. Ainda segundo Paim (2020), o ecletismo não realizou uma simples cópia do sistema counisiano, mas uma livre interpretação dos elementos com objetivos de adaptar à tradição e unir doutrinas com o poder da conciliação. Assim, segundo o conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano, o ecletismo pode ser interpretado como Filosofia, pois os conceitos foram criados remetendo a outros conceitos, passando pelo devir conceitual e criando um novo conceito.
- C. Brasil República:** Segundo Vita (1969) o positivista Pereira Barreto produz um pensamento bastante original, pois aplica os conceitos positivistas na realidade brasileira, isto é, não apenas uma abstração sem influência no meio, mas uma adição

do pensamento em sua própria realidade. Ora, o pensador está construindo um conceito próprio dos conceitos positivistas para aplicá-los à sua realidade, em outras palavras, o pensador está criando conceitos ou recriando-os. O Espiritualismo de Farias Brito e sua recriação conceitual de Bergson para construir os seus próprios conceitos, isto é, a produção de conceitos. E ainda, segundo Vita (1969), temos as correntes contemporâneas, em especial, as correntes: Cientificismo e Analiticismo e o Culturalismo e o Historicismo: o Cientificismo e o Analiticismo têm como nomes autores importantes: Pontes de Miranda e seus estudos próprios sobre Gnosiologia que buscou criar conceitos para resolver os seus problemas, isto é, na perspectiva deleuziano-guattariano o conceito quando remete a um problema e possui outros elementos para a sua criação, por exemplo, outros conceitos para transitar no devir conceitual e criar um novo conceito, pois a criação é uma ato de singularidade na perspectiva deleuziano-guattariano e a mesma explicação serve para Newton C. A da Costa que buscou criar a teoria lógica da linguagem para combater a antiga teoria da linguagem; o Culturalismo e o Historicismo têm como nomes importantes: Miguel Reale e a criação conceitual de ontognosiologia, pois o filósofo não entendia o conhecimento apenas no ponto de vista do sujeito ou do objeto, mas ambos para o conhecimento e Álvaro Viera Pinto com a sua concepção de ideologia do desenvolvimento para o desenvolvimento do país que criou seus conceitos de acordo com sua própria realidade. Ora, dois exemplos claros da criação conceitual em nosso país.

Desse modo, podemos dizer que o impacto do conceito deleuziano-guattariano de filosofia na História da Filosofia no Brasil resulta na demonstração de uma negação da filosofia na América portuguesa, mas presente no Brasil Império e no Brasil República. Quando entendemos a criação dos conceitos como conceitos que remetem a outros conceitos e não puramente a criação de conceitos inéditos.

Por outro lado, o fato de sermos influenciados pelo pensamento estrangeiro pode ser um indicativo de que não produzimos filosofia, conforme é interpretado na passagem da obra de Sylvio Romero (1967) quando denuncia a nossa preferência pelos autores estrangeiros em vez de autores nacionais. Nesse sentido, pressupõe a sua continuidade e transplante sem autonomia de pensar. E nas palavras de Flores:

a História da Filosofia no Brasil caracterizam-se por desenvolverem-se, ainda que de forma anacrônica, em um certo paralelismo reflexo com a História da Filosofia produzida na Europa, mostrando, assim, ante os próprios olhos dos filósofos europeus, seu caráter mimético, defectivo, inautêntico ou, para melhor dizer, carente de originalidade. (FLORES, 2017, p. 104)

Entretanto, nos diz Deleuze e Guattari:

O filósofo faz o que pode, mas tem muito a fazer para saber se é o melhor, ou mesmo interessar por esta questão. Certamente os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires. Mas que significam os conceitos de nosso tempo ou de um tempo qualquer? Os conceitos não são eternos, mas são por isso temporais? Qual é a forma filosófica dos problemas deste tempo? [...] E se podemos continuar sendo platônicos, cartesianos ou kantianos hoje, é porque temos direito de pensar que seus conceitos podem ser reativados em nossos problemas e inspirar os conceitos que é necessário criar. E qual é a melhor maneira de seguir os grandes filósofos, repetir o que eles disseram, ou então *fazer o que eles fizeram*, isto é, criar conceitos para problemas que mudam necessariamente? (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 36)

Segundo Deleuze e Guattari, o filósofo precisa criar os conceitos que estejam em sintonia com os seus problemas, com a sua história, isto é, a questão não é que o filósofo seja platônico, marxista, cartesiano, hegeliano, mas que possa fazer como eles a sua própria criação de conceitos em sintonia com os seus problemas e sua história, pois, os problemas necessariamente mudam. Ora, a filosofia brasileira é um grande exemplo de filosofia que cria e recria conceitos. Assim sendo, entendemos que o problema conceitual é demonstrado quando utilizamos o conceito deleuziano-guattariano de Filosofia, pois validou duas épocas e condenou uma época como não produtora de filosofia, e poderíamos ter sido mais rigorosos e interpretar a criação de conceitos apenas como a criação de conceitos inéditos, assim a filosofia brasileira seria atacada profundamente, com raras exceções, por exemplo, Miguel Reale. Por outro lado, devemos entender que a filosofia brasileira é caracterizada, segundo Vita (1969), pelo seu lado prático em colocar os conceitos estrangeiros à prova. Aliás, a filosofia brasileira como uma filosofia nacional, segundo Paim (2020) é guiada pela preferência que dá aos problemas, por exemplo, o problema do Homem é um problema constante na filosofia brasileira.

CONCLUSÃO

O trabalho buscou apresentar o problema conceitual e demonstrá-lo como problema fundamental na História da Filosofia no Brasil, visto que podemos negar ou afirmar a Filosofia brasileira pelo conceito que adotamos para validar tal pensamento. Assim, entendemos que estudar a História da Filosofia é um problema conceitual, pois devemos, principalmente, definir de qual filosofia estamos falando.

O nosso trabalho foi dividido em três etapas: a. História da Filosofia, com comentários sobre o contexto histórico (América portuguesa, Brasil Império e Brasil República) e as principais correntes do pensamento filosófico brasileiro, a saber, Escolástica, Iluminismo, Romantismo, Ecletismo, Positivismo, Espiritualismo e as Correntes Contemporâneas; b. Aspecto conceitual, com o conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano, isto é, a filosofia é a criação de conceitos; e c. o Problema Fundamental na História da Filosofia no Brasil: apresentado o problema conceitual, realizando uma exposição do problema conceitual com o Problema Fundamental na História da Filosofia no Brasil, pois é a partir do conceito de filosofia que podemos avaliar ou não o pensamento filosófico brasileiro, por exemplo, o conceito deleuziano-guattariano de Filosofia e como demonstramos o problema conceitual.

Alcançando os nossos objetivos, pois: i. utilizamos o conceito de “Filosofia” deleuziano-guattariano para avaliar o problema fundamental da História da Filosofia no Brasil; ii. tornamos mais claro o conceito de “Filosofia” em uma perspectiva deleuziano-guattariano; iii. apresentamos o problema fundamental na História da Filosofia no Brasil como problema conceitual; e iv. analisamos o problema conceitual da História da Filosofia no Brasil com auxílio da demonstração conceitual deleuziano-guattariano na História da Filosofia no Brasil. Para tanto, respondemos a pergunta: *qual é o impacto do conceito deleuziano-guattariano de “Filosofia” no problema fundamental da História da Filosofia no Brasil?*

Ora, o impacto é a exclusão da Escolástica, Iluminismo e Romantismo como produtoras de conceitos, logo não produtoras de filosofia e reconhecer o Positivismo, o Espiritualismo e as Correntes contemporâneas como produtoras de conceitos, logo produtoras de filosofia. Desse modo, demonstramos o problema conceitual na História da Filosofia no Brasil, pois podemos negar ou afirmar correntes filosóficas no Brasil pelo conceito de filosofia que escolhemos como instrumento. Com efeito, não podemos realizar uma ponte

entre os historiadores da filosofia brasileira para validar determinados períodos como filosóficos ou não, ou seja, em uma compreensão unívoca da filosofia, mas a partir da compreensão das filosofias existentes, pois não existe um único sentido para filosofia, mas muitos conceitos e escolher um em detrimento de outro é desdenhar a filosofia, isto é, incluir umas e excluir outras.

Assim sendo, o problema conceitual é o problema fundamental na História da Filosofia no Brasil, mas não é o único, pois existem outros problemas a considerar, por exemplo, o problema histórico. Desse modo, enfatizamos a importância da pesquisa e a necessidade de continuidade, pois o nosso estudo não é o último passo, mas o primeiro de muitos passos para estudar e defender a filosofia brasileira e sua importância.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Eduardo. **Brasil**: uma história: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: LeYa Brasil, 2012.
- BRITO, Raimundo Farias. **Finalidade do mundo**: estudos de filosofia e teleologia naturalista. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.
- CALMON, Pedro. Fundação do império do Brasil. LEVENE, Ricardo; CALMON, Pedro (org.). **História das américas**. vol. VIII. São Paulo: W. M. Jackson, inc, 1964.
- CALMON, Pedro. América colonial. LEVENE, Ricardo; CALMON, Pedro (org.). **História das américas**. vol. IV. São Paulo: W. M. Jackson, inc, 1965a.
- CALMON, Pedro. América contemporânea. LEVENE, Ricardo; CALMON, Pedro (org.). **História das américas**. vol. XIII. São Paulo: W. M. Jackson, inc, 1965b.
- CALMON, Pedro. **História do Brasil**. vol.1. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- CABRERA, Julio. **Diário de um filósofo no Brasil**. RS: Ed. Unijuí, 2013.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?**. trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Editora 34: São Paulo, 2016
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **O que é o ato de criação?**. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade. trad. Guilherme Pinto. São Paulo: Editora 34, 2016a.
- DELEUZE, Gilles. **O que a voz traz ao texto**. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade. trad. Guilherme Pinto. São Paulo: Editora 34, 2016b.
- DOMINGUES, Ivan. **Filosofia no Brasil**: legados e perspectivas – ensaios metafilosóficos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari biografia cruzada**. trad. Fatíma Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FLORES, Alberto Vivar. **Gilles Deleuze: “O que é a filosofia?”. Uma recepção criativa desde a América Latina**. Revista Ágora.v. 1, n. 1 2018. Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2018.

FLORES, Alberto Vivar. O problema da originalidade na filosofia ibero-americana e brasileira. *In*: FLORES, Alberto Vivar. **O Liberalismo em Ibero-América: um pensamento “fora do lugar”**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MACHADO, Roberto. **Deleuze arte e filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MIRANDA, Fernando Marquez. Culturas amazônicas e seus epígonos do litoral argentino. LEVENE, Ricardo; CALMON, Pedro (org.). **História das américas**. vol. II. São Paulo: W. M. Jackson, inc, 1964.

PAIM, Antonio. **História das idéias filosóficas no Brasil**. 6.ed. Campinas: Tavola Editorial, 2020.

ROMERO, Sylvio. A filosofia no Brasil. *In*: ROMERO, Sylvio. **Obra filosófica**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

VITA, Luiz Washington. **Panorama da filosofia no Brasil**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. trad. Luiz B. L. Orlandi. Editora 34: São Paulo, 2016.